

**COLLEGAMENTO CH**  
Rocca di Papa, 16/06/2018  
“COMEÇANDO POR NÓS”

**1. Abertura e saudações**

Com saudação de Emmaus e Jesús e telefonema ao vivo com a Guatemala

**2. Itália - Os invisíveis da fronteira**

Imigrantes. Não são números, mas pessoas que trazem na bagagem uma história sofrida, a própria cultura, as aspirações de uma vida. Ventimiglia é uma das fronteiras “críticas” das imigrações da Europa. Há quem não ficou indiferente.

**3. Índia: Dançar superando o limite**

Quando a arte não é apenas um instrumento de resgate pessoal mas de muitas pessoas. A história de Mayur, dançarino indiano, e da sua Mayur’s Dance Academy onde a pessoa vem antes de uma parcela a ser paga.

Genfest em Manila e telefonema ao vivo com o Canadá.

**4. Itália – Tonadico: ‘Em peregrinação à fonte’**

Um grupo excepcional nas montanhas da região Trentina, no norte da Itália: vinte professores italianos de religião hindu, acompanhados pelos membros da Escola Abbá. Uma viagem à fonte comum do carisma de Chiara Lubich.

**5. Brasil, Campos dos Goytacazes: Arriscar pela própria gente**

Construir a paz é sempre uma questão de coragem. É o que faz Noêmia, que luta para defender os direitos dos pequenos proprietários do Estado do Rio de Janeiro a quem foram confiscadas as terras.

**6. ‘Um dia extraordinário’**

Vídeo síntese que relembra os principais momentos da visita do Papa Francisco a Loppiano em 10 de maio de 2018, com trechos de uma entrevista a Maria Voce e a Jesús Morán em Rocca di Papa, em 24 de maio de 2018.

**7. Conclusão:**

Spot Especial CH Genfest

## 1) **Abertura e saudações**

(aplausos)

Roberta Formisano: Bem-vindos! Uma saudação a todos! Esta hora que vamos passar juntos será uma hora rica de histórias de diferentes lugares do mundo, mas também será um coligamento especial.

Hugo Márquez: Como todos sabemos, a visita do Papa Francisco a Loppiano, no dia 10 de maio, foi um momento extraordinário e na segunda parte deste Coligamento queremos revivê-lo juntos, aprofundando seu conteúdo com Emmaus e Jesús.

Mas ainda não nos apresentamos: sou Hugo, e venho da Venezuela. Tenho 36 anos e moro em um focolare perto de Roma. Logo vou me transferir para a Colômbia, para Bogotá.

Roberta: Eu sou Roberta, sou italiana, de Nápoles. Sou jornalista e trabalho para uma emissora de televisão. No dia primeiro de julho vou para Manila, participar do Genfest!

Hugo: Eu acompanharei vocês à distância, certamente através das redes sociais: Facebook, Twitter, Instagram e da transmissão ao vivo... (no telão - gráfica das Redes sociais Genfest).

Roberta: Aqui nesta sala está presente um grupo de focolarinos de diversas Igrejas cristãs que nestes dias estão fazendo um encontro em Roma. São evangélicos, ortodoxos, anglicanos, reformados, católicos, luteranos...

Bem-vindos! Estamos muito felizes que vocês estejam aqui neste Coligamento!

Hugo: Cumprimentamos também todos os participantes do encontro de Cidade Nova italiana, que se realiza nestes dias. Alguns deles estão presentes aqui conosco. Bem-vindos.

Emmaus, Jesús, vocês gostariam de cumprimentá-los?

Maria Voce (Emmaus): Sem dúvida, com prazer!

No entanto, gostaria de incentivá-los, de apoiá-los neste empenho que assumem de testemunhar que existe um povo que acredita na fraternidade e de ressaltar os valores fundamentais, com aquela clareza que o Evangelho de hoje nos propôs novamente, dizendo-nos "sim, sim, não, não", e com aquela coragem que pode vir somente da segurança de avaliar tudo com Jesus no meio, portanto na unidade entre vocês e à luz do carisma da unidade.

Então, bom trabalho e muitas, muitas felicitações a Città Nuova.

Jesús Morán: Uma saudação e um encorajamento da minha parte. Como vocês mesmo escreveram, hoje é mais do que nunca necessário ter verdadeiros e autênticos meios de comunicação e de informação, e comunicar ideias que caminhem nesta direção, porque vivemos em um mundo onde existem muitos fatos que não são autênticos. É muito importante para nós, como Movimento dos Focolares, ter este instrumento de formação e de informação para todos.

Coragem e para frente! (Aplausos)

Hugo: Lembramos que podem nos enviar mensagens, fotos, impressões e sugestões para estes contatos (email, página Facebook) e para este número telefônico. Atenção porque o número mudou. Vamos ler juntos: +39 320 419 71 09.

Roberta: Todos nós temos nos olhos as imagens do vulcão que nos últimos dias, na Guatemala, causou a morte de centenas de pessoas e milhares ficaram sem a casa. Poderemos conversar agora com Marco Carranza, diretamente de Guatemala. Olá Marco, vocês está ouvindo? Saudações de todos nós!

Marco Carranza: Olá a todos! Estamos ouvindo bem. Saudações.

Hugo (em espanhol): Hola Marco, como estás?

Marco: Hola, hola, estamos muy bien e muy contentos de estar conectados con ustedes. Estamos muito felizes.

Em primeiro lugar, desejamos agradecer aos membros do Movimento no mundo inteiro, pela solidariedade, os telefonemas, as orações, a unidade, a ajuda econômica concreta.

O “Vulcão del Fuego” é um dos 37 vulcões da Guatemala, ativo com erupções violentas e constantes. Mas é a primeira vez que esta sua atividade provoca um desastre tão grande: muitas crianças ficaram órfãs e as famílias destruídas, mas em meio ao sofrimento, as demonstrações de solidariedade e de amor são enormes. Realmente o povo da Guatemala se uniu para ajudar de todas as maneiras.

Como em muitos pontos da cidade, também o Centro Educacional Fiore, dirigido por pessoas do Movimento, se tornou um centro para recolher víveres de primeira necessidade.

Poderíamos contar a vocês histórias, como aquela de Hugo, um jovem voluntário que mora com a mãe e que, sabendo que o teto da casa de um amigo tinha desmoronado pelo peso das cinzas, lhe deu dinheiro para ajudá-lo. Mais tarde, alguém bateu à sua porta com uma sacola, dizendo: “esses víveres são para você e a sua mãe”. Ele sentiu que estava fazendo a mesma experiência de Chiara dos primeiros tempos. E assim por diante, as histórias vividas aqui são muitas.

Roberta: Obrigada, Marco, estamos unidos a vocês. E uma saudação a todos os que estão aí com você!

Marco: Muito obrigado. Permanecemos unidos na oração. Um abraço a todos da nossa hermosa Guatemala!

Roberta: Obrigada! (Aplausos)

## **02) Itália-França-Montecarlo: ‘Os invisíveis da fronteira’**

Hugo: A imigração é um fenômeno mundial. Nestas últimas horas aumentou a tensão na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Também o meu país, a Venezuela, está vivendo um verdadeiro êxodo tal como em muitos países da África e da Ásia... São todas situações dramáticas. A Itália é um território de passagem para muitos refugiados que, do norte da África, através do Mar Mediterrâneo tentam chegar à Europa, muitos perdem a vida no mar. Para quem consegue fazer a travessia, uma das passagens obrigatórias no norte da Europa é a fronteira de Ventimiglia entre a Itália e a França, por onde até passaram hoje 150.000 migrantes, mas agora está fechada. Fomos até lá, dos dois lados da fronteira, para ouvir as histórias das muitas pessoas que ajudaram nessa situação e não viraram o rosto para o outro lado.

**M. – Sudão** (um jovem imigrante):

Agradeço a Deus por ter chegado são e salvo na Itália depois de tantas humilhações na Líbia. Agora tentarei todos os meios para chegar à França.

### **Música e título: Os invisíveis da fronteira**

di Donato Chiampì e Victoria Gómez - @ventimigliaconfinesolidale

Abdul Rahmani, mediador cultural - Afeganistão (fala em italiano com legendas em italiano para facilitar a compreensão): Chegamos à fronteira, este é um caminho entre a Itália e a França. Muitos pobres jovens vêm aqui para tentar chegar na França. Alguém percorrendo este caminho à noite caem e morrem.

Christian Papini, diretor da Cáritas - Ventimiglia, Itália: O que acontece aqui? Cerca de três anos atrás, com o fechamento das fronteiras, as pessoas pararam em Ventimiglia. Nós tivemos que lidar com as dificuldades dessas pessoas como pudemos. [...] No sentido que Lampedusa é a porta que os deixa entrar, e Ventimiglia é a porta que se fecha para eles. E as pessoas nos ajudaram. Vários grupos, focolarinos, organizações não governamentais, franceses, muitas pessoas. Foi isso que aconteceu.

Padre Rito Álvarez, pároco de Gianchette - Ventimiglia, Itália: Acolhemos pessoas de mais de 55 nacionalidades neste lugar, mais de 13 mil pessoas, sobretudo nos últimos tempos, mulheres, crianças, menores desacompanhados, doentes... Isso realmente nos transformou, abriu nossas mentes, acima de tudo, comoveu um pouco o nosso coração. (música)

Piera Santoianni, mensa Caritas - Ventimiglia, Itália:

É uma fronteira que não se atravessa. E nós procuramos dar um bom prato de comida para eles, para que se sintam amados, não rejeitados, ao menos por nós. [...]. Essa aventura começou em 2015, quando uma população interminável de pessoas chegou à estação, fugindo de várias situações. [...]. Vão para a França de mil maneiras... E lá, por sorte, há franceses heroicos que os acolhem. [...]. Houve momentos em que alimentamos 200, 300 e até 1000 pessoas. [...]. Não podemos ignorar, virando o rosto! Isso é lógico!

Padre Rito Álvarez: ...Sentiam-se seguros, encontravam irmãos, encontravam um abraço.

Sandro Foretti, mensa Caritas - Ventimiglia, Itália: Faço isso com o coração e pronto! Não é que me dão...Ninguém me dá dinheiro ou me paga. Não, não, não!

Padre Rito Álvarez: A igreja ficou aberta de 31 de maio de 2016 até 14 de agosto de 2017. 440 dias. Nunca perguntamos a nacionalidade ou a religião, procuramos entender do que o outro precisava. (música)

Paola Amoretti, médica dentista - Imperia, Itália: A população mais frágil, sem dúvida, são as mulheres e as crianças. Particularmente, as mulheres geralmente são tristes, porque sofreram violências durante a viagem e precisam de uma atenção especial.

Padre Rito Álvarez: Esse serviço acabou porque uma parte da população se rebelou e as autoridades – ou seja, a Câmara e a Prefeitura – nos impuseram o fechamento desse lugar. As acusações mais pesadas contra nós é que o fato de se sentirem tão bem atraía outras pessoas e tudo isso poderia arruinar a cidade. Nós nos identificamos com todas essas pessoas que

passavam por aqui e não podíamos fazer nada além de nos comover também; e sentir o coração apertado por não poder continuar a recebê-los como numa família. Isso foi doloroso... (música)

Gian Paolo De Lucia - Ventimiglia, Itália: Sou um policial. Trabalho na polícia de fronteira, onde me ocupo do controle, expulsões, readmissões, rejeições. Mas isso não impediu de, como cristão, me empenhar com os muitos próximos imigrantes que passam por Ventimiglia. Já em 2015, quando as fronteiras foram fechadas, percebi que a história estava passando sob a minha casa. Na verdade, um dia, logo abaixo da minha varanda, vi chegarem alguns voluntários com cerca de 80 meninos imigrantes. Desci até lá para dar uma ajuda. Daquele dia em diante não parei de trabalhar a serviço do próximo, especialmente dos imigrantes.

Abdul Rahmani (fala em italiano, com legendas em italiano para facilitar a compreensão): Veja! Há uma pilha de roupas, aqui eles comeram e beberam. Os meninos passam aqui e param, se trocam e retomam o “caminho da morte”. Caminham... (música)

Delia Bonuomo, Bar Hobbit - Ventimiglia, Itália: Dar um pouco de humanidade a essas pessoas fez com que a notícia se espalhasse entre eles. E hoje se tornou o bar dos imigrantes. [...] A maior parte é muçulmana... E não se vendia mais um sanduíche com salame porque a minha clientela aos poucos se perdeu. E uma sala que era usada para jogos pelos idosos, hoje tornou-se a sala das crianças, onde podem escrever e brincar. Com um pequeno trocador para trocar os bebês e para dar um alívio às mães que não sabem onde se apoiar.

Mas graças a eles, conheci muitas pessoas, muitas associações, muitos voluntários... hoje me sustentam, me ajudam a seguir adiante.

Se eu tivesse que recomeçar, faria tudo novamente do início. E a coisa importante para mim é DOAR!

Padre Rito Álvarez: A “Vênus dos trapos” de Michelangelo Pistoletto tem um significado muito importante. Ela se detém a olhar roupas usadas. Nos diz: Essa é a coisa bela. Não a minha beleza, a beleza é aquilo que há diante de mim, onde há verdadeira integração por trás dessas roupas. (música)

Maddalena - Ventimiglia, Itália: Moro em Ventimiglia e pego o trem toda manhã para ir à escola em Mentone, na França. Passo pela fronteira todos os dias e encontro muitos imigrantes. Uma vez um imigrante sentou-se ao meu lado e começamos a estudar. Com isso, quando os policiais passaram, pensando que fosse estudante como eu, não o abordaram. (música e ambiente)

Michele Rubinelli - Montecarlo, Principado de Mônaco: Montecarlo é um território muito rico, rico também de solidariedade, porque há muitas associações que trabalham para ajudar os outros e também para resolver o problema da imigração. (música e ambiente)

Isabelle Ginesty - Nice, França (em francês, com legendas em italiano): Os recursos do estande são destinados, em sua maior parte, aos imigrantes de Ventimiglia. Vivemos intensamente com os nossos amigos que estão ali como em uma família. É belo trabalhar junto com outras associações e outros organismos.

(música)

Irmã Nelly Van Gemert - Menton, França (em francês, com legendas em italiano): Estive por 40 anos na África e fui à Ventimiglia para encontrar ali pessoas da África que sofrem: os imigrantes. Lá cozinho, arrumo as roupas, mas principalmente, eu os escuto e doo o meu coração. Porque sempre foi importante durante toda a minha vida a Palavra do Evangelho: «Tudo o que fizeste ao menor dos meus irmãos, a mim o fizeste». Esse é o lema da minha vida e espero continuar assim por muito tempo.

Maddalena - Ventimiglia, Itália: Sou da Itália. Mas onde está a fronteira? O que ela é? No entanto, a fronteira bloqueia um povo de pessoas invisíveis... Porém nós as vemos!!

Padre Rito Álvarez: Todos nós podemos fazer alguma coisa. Cada um de nós pode realmente começar coisas importantes, quando impulsionado pelo desejo profundo de sua própria convicção pelo bem do ser humano, no meu caso, pelo desejo de amar a Deus e os irmãos. E isso pode mudar realmente o mundo. (música)

### **03) Índia: Dançar superando o limite**

Roberta: Uma característica comum das histórias que ouvimos e que ouviremos neste Collegamento é que, diante de tantos problemas e dramas que essas pessoas estão vivendo, as pessoas não ficaram só observando. Cada um, de modo diferente, começou a fazer alguma coisa, procurando mudar a situação e envolvendo também as pessoas ao redor. Foi o que fez Mayur em Mumbai, na Índia.

*(música)*

Mayur: Meus pais não queriam que eu dançasse. Minha mãe me repetia: você só vai dançar quando estivermos mortos! Meus pais já morreram. Minha mãe morreu quando eu tinha 16 anos, e meu pai um ano depois. Nós tínhamos uma casa, mas não os documentos da propriedade e, por isso, a perdemos. Eu entendi que tinha que enfrentar novas responsabilidades, e foi o que fiz.

Terminei o ensino médio e comecei a ensinar dança. Então alguém sugeriu que eu começasse uma atividade própria. E comecei a fazer isso como profissional. Mas estudar é importante, então eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. Aos domingos costumava dançar.

Quando criança, a minha família não tinha dinheiro para pagar a escola. Hoje vejo crianças em situações parecidas com a minha. As famílias daqui não conseguem. A dança não é uma prioridade. Quando essas crianças me procuram, eu descubro os problemas reais, e então lhes digo: não se preocupem se vocês não têm dinheiro, mas tragam o talento de vocês.

Precisamos ajudá-las. Organizo oficinas de dança e participam cerca de 150 crianças. Gratuitamente. Não quero nada, quero somente ensiná-las a dançar. É tudo!

Eu ensinei crianças com necessidades educacionais especiais, foi muito difícil. Elas não podiam ver, ouvir e a princípio pensei que seria impossível. Mas a paixão que tinham ajudou-as a aprender a dançar. Eu estive no Genfest em Budapeste, na Hungria. Foi ótimo, uma experiência maravilhosa. Eu dancei no palco na frente de milhares de pessoas. Ver como todas essas pessoas se amavam mudou a minha vida. Quando voltei para a Índia, tentei viver assim com a minha classe, com as crianças, com os amigos e os familiares.

Aarya, 12 anos, aluno de Mayur: Mayur me ajuda e sempre me encoraja. Vem assistir às minhas apresentações quando há um espetáculo de dança. Se eu preciso de ajuda para fazer

bem os passos, para melhorar a expressão, ou qualquer outra coisa, ele resolve tudo. Ele é muito bom e gentil.

Wilson, 18 anos, aluno de Mayur: Quando comecei a dançar aqui, conseguia pagar as aulas. Depois, a minha família não pôde mais pagar. Mayur então me dizia: "Não se preocupe. Dance bem, não quero mais nada de você".

Mayur: Alguns dos meus alunos se tornaram coreógrafos. Dançaram em programas de televisão e para publicidades, e até mesmo em pequenos espetáculos. Portanto estão muito felizes. A Academia de Dança Mayur é minha família. Essas crianças são meus filhos e seus pais são meus pais.

Roberta: Obrigada, Mayur, sabemos que vocês estão nos acompanhando ali da Índia. Saudações e um grande obrigado!

Superar os confins, abater as barreiras: é o grande tema do próximo Genfest que, como sabem, se realizará em Manila de 6 a 8 de julho.

Hugo: Falta menos de um mês: 6.000 jovens de 96 países estarão juntos em um grande laboratório, compartilhando projetos e experiências sobre a questão das fronteiras físicas e geográficas, mas também culturais, econômicas e sociais.

Muitos jovens estão partindo. Outros já estão chegando na Ásia e em várias cidades onde terão laboratórios que os ajudarão a conhecer culturas tão diferentes.

Queremos agradecer a todos que, de mil maneiras, estão sustentando economicamente o Genfest. Você podem continuar, enviando o dinheiro para a conta-corrente que estão vendo na tela e que também encontrarão na página Facebook do Collegamento.

Intestado a:	COMITATO INTERNAZIONALE ORGANIZZATORE GENFEST 2018
Código IBAN:	IT95N0895139370000000704514
Banco:	Banco di Credito Cooperativo San Barnaba di Marino
Endereço:	Via di Frascati, 292/a 00040 Rocca di Papa (RM)
Cod. BIC/SWIFT:	ICRAITRRQFO
NDG:	01049578

Roberta: Agora uma notícia: o próximo collegamento especial será feito de Manila, todo dedicado ao Genfest! Contará as histórias e as atividades que há muitos anos se realizam em Manila e nas Filipinas.

Nos encontraremos no dia 8 de julho próximo às 20h da Europa, no mesmo horário do CH de hoje.

Hugo: Agora vamos falar com alguém do Canadá, com Fernando Montagna, de Ottawa. Olá!

Fernando Montagna: Estou qui. Olá a todos!

Hugo: Olá Fernando, como vai? Conte-nos o que vocês estão fazendo.

Fernando: Concluimos há pouco o evento "Chiara Lubich, mulher italiana da fraternidade universal", no âmbito Semana da Cultura Italiana aqui em Ottawa, um evento que se repete há 44 anos.

Eu faço parte da comissão e este ano desejava-se ressaltar o papel da mulher italiana no mundo. Daqui a proposta de apresentar Chiara como embaixadora de fraternidade. Não foi uma mera recordação de Chiara, mas foi possível torná-la presente por meio dos testemunhos de empresários da EdC, de amigos muçulmanos, de estudantes de Sophia, do discurso do núncio apostólico no Canadá, dom Luigi Bonazzi, que propuseram o Ideal da unidade como uma via de encontro, atualíssima em um país fortemente multicultural e multiétnico como o Canadá.

Um momento muito profundo foi o relato dos nossos amigos muçulmanos sobre o encontro deles com o Ideal de Chiara. Foi um dia maravilhoso e estamos concluindo agora.

Hugo: Obrigado, Fernando!

Fernando: Até breve a todos!

Roberta: Até breve! (Aplausos)

#### **04) Itália – Tonadico: ‘Em peregrinação à fonte’**

Roberta: O que faz um grupo de estudiosos Cristãos e Hindus nas montanhas do Trentino, no norte da Itália? Eles a chamaram de "uma peregrinação à fonte", vamos ver o que é.

##### ***Música e título: Em peregrinação à fonte de Stefania Tanesini – filmagem de Lorenzo Giovanetti***

Vinu Aram – diretora de Shanti Ashram Coimbatore (em inglês): Lembro que conversávamos tomando uma xícara de chá com Chiara, um pouco depois de sua visita a Coimbatore, quando alguém disse: “Chiara, isso não pode acabar aqui”. Depois ela olhou para minha mãe e perguntou: “Minoti, como vamos continuar?”

STEFANIA (fora do quadro)

Estamos na Índia, é janeiro de 2001, quando Chiara Lubich encontra personalidades hindus do Shanti Ashram, um centro de inspiração gandhiana, e acadêmicos de Mumbai. É o início de um relacionamento profundo que continuará ao longo dos anos, ao ponto de Chiara decidir partilhar com eles iluminações místicas particulares de sua experiência cristã, recebidas muitos anos antes, no verão de 1949, nas montanhas do Trentino.

Hubertus Blaumeiser – teólogo da Escola Abba (em italiano): Estamos aqui em Tonadico, no lugar em que Chiara viveu a experiência de 1949, os membros da Escola Abbá – o centro de estudos do Movimento – e um grupo de amigos hindus, estudiosos do Hinduísmo. (...) Uma experiência plena de surpresa, na qual experimentamos o sopro do Espírito Santo e diria, também, uma presença especial de Maria que é mãe de todos.

Shubada Joshi prof. de filosofia da Universidade de Mumbai (em inglês): “(...) voltar à fonte é fundamental porque..., para nós é essencial compreender, de novo, sob uma nova luz, o que o santo quer nos comunicar. É uma prática muito bela também no Hinduísmo. (...) Podem existir diferenças culturais, mas temos em comum o amor pela divindade e também o sentido de pertença e a paixão profunda de ser um com o Divino.

Sudalaikanna Andiappan, prof de estudos gandhianos da Universidade Madurai (em inglês): Hoje de manhã vi a Igreja onde Chiara teve suas manifestações espirituais, em particular as



místicas. Entrar na Igreja foi como entrar no templo de mim mesmo.

Callan Slipper, teólogo anglicano – Escola Abbá (em inglês):

Penso que o ponto que nos permite estar juntos, a coisa profunda que está na base de tudo é a possibilidade de amar. E o amor nos fornece a linguagem através da qual nos falamos, nos compreendemos mais profundamente e nos leva mais a fundo no mesmo mistério que experimentamos juntos.

Vinu Aram – diretora do Shanti Ashram Coimbatore (em inglês): Sabe o que encontro? Estou encontrando um novo significado naquilo que Chiara já nos deu. Encontro um significado novo na paisagem maravilhosa, nesse belíssimo lugar no qual ela encontrou inspiração.

Deepali Bhanot, prof. de sânscrito – Universidade de Nova Délhi (em Inglês): Quando (Chiara) fala do amor, deste amor – ela tinha um amor imenso –, devemos nos esforçar para ser como ela. E a propósito das cidades das quais viemos, cheias de problemas complexos, penso que outra mensagem que levamos é que no nosso pequeno, o que quer que façamos, devemos fazê-lo pelos outros. Então, estou pronto. Não gostaria de ir embora, mas talvez Deus me traga de volta a esses lugares...

Karuna Sagari, professora de dança tradicional (em inglês): Não conheci Chiara. Mas quando conheci os Focolares, através do Shanti Ashram, me lembrei desta palavra maravilhosa: “amsha”, uma palavra da nossa tradição indiana. Amsha se refere aos aspectos e quando entramos em contato com membros dos Focolares individualmente, eu vejo amsha, aspectos diferentes de Chiara.

Lingam Raja Gandhiqram University (em inglês): Chiara era uma pessoa única em um certo sentido. Desenvolveu o conceito de amor; demonstrou e transformou a sociedade com o amor.

Roberto Catalano, Centro do diálogo Interreligioso dos Focolares (em italiano): Essa experiência que estamos fazendo, mesmo sendo uma peregrinação às fontes de um carisma exclusivamente cristão, não ameaça a característica e a especificidade dos hindus, pelo contrário, nos encontramos justamente no interior de um pluralismo que respeita o outro, que o acolhe e reciprocamente acolhe essa fonte espiritual cristã.

Pergunta de Stefania (fora do quadro): Se Chiara estivesse aqui na sua frente, o que lhe diria?

Vinu Aram – diretora do Shanti Ashram Coimbatore (em inglês): Eu lhe diria obrigada. Eu lhe diria obrigada. (...) Quando você realmente quer bem a alguém como a um mestre, mas também como a uma fonte de amor infinito, você faz o que eles fazem. Segue o seu exemplo e faz a própria parte. Olha para eles e diz: estou continuando a peregrinação.

## **5) Brasil, Campos dos Goytacazes: Arriscar pela própria gente**

Hugo: Vamos conhecer agora a história de Noêmia, uma mulher que luta há muito tempo pelos direitos dos camponeses a quem foram confiscadas as terras. Estamos no Brasil, a 300 km do Rio de Janeiro.

(Em português)

*Noêmia Magalhães (em português):* Quando nós adquirimos esse sítio, que eu ainda não aceitava. Eu questionava muito a Deus. Eu questionava porque esse lugar aqui, se eu te pedi um lugar com uma cachoeira, com uma água bem limpa, e o senhor me dá essa terra cheia de areia, arenosa... e essa tipo coca-cola?

E claro que não tinha uma resposta. A resposta veio quase 10 anos depois. Eu precisava exercer aqui nessa região, viver realmente o Evangelho.

*Speaker (em português):* Brasil, 5º distrito de São João da Barra, norte do estado do Rio de Janeiro. A notícia da chegada do complexo industrial portuário do Açú, causou surpresa entre os 2 mil moradores da região. Mas não demorou para que a esperança de dias melhores se transformasse em decepção. Um decreto do governo estadual de 2009, autorizou a desapropriação de dezenas de pequenas propriedades rurais do local, para que toda a infraestrutura relacionada ao porto do Açú fosse construída. Muitas famílias foram retiradas à força de suas terras, restando apenas o sítio de Noêmia Magalhães.

Noêmia é professora aposentada e vive com seu marido no Sítio do Birica há mais de 10 anos. Pelo seu conhecimento no cultivo de plantações orgânicas, ela participava de um programa na rádio Difusora muito ouvida pela população local. Com tempo, ela acabou liderando um movimento de resistência às desapropriações.

*Noêmia Magalhães (em português):* Num determinado dia que eu estava vindo de um congresso em São Paulo um agricultor muito aflito me cercou na estrada e falou: “dona Noêmia, dona Noêmia, a senhora tem que nos ajudar! Só a senhora pode nos salvar. Vão tomar todas as nossas terras!” E era um grito de socorro... era um grito da alma de desespero. E eu falei: “fica calmo, a gente vai conversar, durante o programa eu vou marcar com vocês uma reunião. Vamos convidar pessoas, vereadores, pra gente entender isso direito.” E aconteceu que durante o programa eu toquei no assunto, o programa saiu do ar imediatamente e o titular do programa me questionou, me chamou a atenção que eu nunca poderia ter abordado esse assunto. Que eu estava mexendo num barril de pólvora. Naquele momento eu senti que a luta não ia ser fácil. E que eu precisava ter consciência do que iria enfrentar.

Eu segui em frente e disse, vamos, e marcamos a primeira reunião aqui no Sítio do Birica. Então o Sítio do Birica levantou a primeira bandeira contra Porto do Açú, distrito industrial.

Porque todo o Porto, a entrada principal do Porto é aqui. Então todo mundo passava aqui. E nós fizemos as barracas, faixas, bandeiras e ficava revezando 150 famílias aqui.

No início era muito cada um por si. Eles não tinham necessidade de lutar. Não tinha necessidade de grupo. Com a luta e com a dor, eu aprendi que a dor nos transforma em irmãos. O irmão é solidário. Então, a gente, hoje, vê muito mais solidariedade uns com os outros do que no início.

Aqui é uma família que resiste também, mas já perdeu uma terra e não receberam. Estão passando dificuldades.

Oi, minha linda!

Eu senti muito por que... Eu vi que a minha família tinha muito medo. Medo por me acontecer alguma coisa. Por eu ter tido quatro ameaças; Eles tinham medo que a qualquer momento chegasse a notícia de que eu tinha sido assassinada.

E às vezes as pessoas questionavam: “Você já questionou a Deus, se é isso mesmo que Ele quer de você? Já não está na hora de parar? Você já não fez a sua parte?” E eu não tinha dúvida. Não tem um momento final. É enquanto durar a luta ou enquanto eu tiver vida. é uma

luta muito desigual, num país onde não se respeita o direito de ninguém... Sabe de uma coisa? Tem que reescrever a história. Tem que apagar essa história e começar do zero. Aí eu acredito nesse desenvolvimento. Com respeito. Com as pessoas também sendo inseridas. E aqueles que quiserem continuar sua vida, sua história, seus sonhos... Porque quando eles arrancam a terra, eles arrancam os sonhos, arrancam os projetos... Tiram tudo de você. Mas tudo é possível. Você pode dar um passo atrás, você pode recuar e pode recomeçar. Seria belíssimo se o Porto do Açú reescrevesse sua história, começasse de outra maneira... A gente bateria palma.

*Escrito*

“Tentaram nos enterrar, esqueceram que somos sementes.”

Homem: Dona Noêmia, quando ela veio aí, não sei da onde... Eu acho que ela veio do céu!

*Escrito*

Hoje, quase 10 anos depois, o impasse permanece. A construção do Porto do Açú não foi concluída. Alguns agricultores foram reassentados. Aqueles que optaram pela resistência estão enfrentando processos judiciais por invasão de terras que antes eram suas. Das áreas desapropriadas, 85% estão sem uso e muitos agricultores ainda não receberam as indenizações a que têm direito.

Hugo: Obrigado, Noêmia, pela coragem de vocês

## **06) ‘Um dia extraordinário’**

Hugo: Muitos de nós seguiram este dia extraordinário, a visita relâmpago do Papa Francisco a Loppiano, no dia 10 de maio.

Roberta: O Papa naquele dia disse palavras importantes aos habitantes de Loppiano e a todas as pessoas que nos modos mais diferentes aderem ao nosso Movimento. Vamos reviver agora essa visita, com uma entrevista a Emaús e Jesús, que aprofundam alguns dos temas. Vamos assistir juntos.

(música e legenda: Loppiano, 10 de maio de 2018)

Speaker: O Papa Francisco está para chegar à Mariápolis permanente de Loppiano, a primeira das 25 cidadezinhas do Movimento dos Focolares presentes no mundo. (música)

É a segunda vez que um Pontífice visita um centro do Movimento.

(música e legenda: Rocca di Papa, 19 de agosto de 1984)

Em agosto de 1984, João Paulo II chega de carro ao Centro Internacional de Rocca di Papa, nos arredores de Roma. (música) Chiara Lubich o acolhe naquele encontro que na história do Movimento permaneceu como um “encontro extraordinário”. (ambiente)

Após 34 anos, no dia 10 de maio, o Papa Francisco aterrissa nas colinas Toscanas, nas proximidades de Florença. Uma visita breve, mas rica de significado, que queremos narrar através destas imagens.

(ambiente - sinos - e título: **O Desafio do Papa Francisco**)

Speaker: Desejamos lembrar os principais momentos deste evento extraordinário com Maria Voce (Emmaus) e Jesús Morán para entender melhor a dimensão dele para o Movimento.

Stefania Tanesini, Setor de Comunicações – Movimento dos Focolares: Emmaus, antes de tudo, como nasceu esta visita do Papa a Loppiano e como foi preparada?

Maria Voce (Emmaus), Presidente do Movimento dos Focolares: Seria preciso perguntar para ele como foi que nasceu, porque nós realmente não sabemos. Num certo momento, soubemos que ele queria vir a Loppiano. Isto foi uma surpresa para nós, uma imensa alegria, e imediatamente pensamos: mas o que fazer para nos prepararmos para esta visita? Faltavam 100 dias para a chegada do Papa em Loppiano e eu pensei: a única coisa é intensificar a vivência do Evangelho, a vivência do amor mútuo entre todos para que o Papa encontre aquele povo que nasceu do Evangelho, aquele povo que vive o Evangelho que Chiara sempre viu no Movimento dos Focolares. E procuramos fazer assim. (música)

Speaker: Desde as primeiras horas da manhã, as ruas se enchem de pessoas de muitos lugares da Itália, mas não só. (ambiente)

Ao redor do santuário de Maria Theotokos se reúnem 7 mil pessoas para o esperado encontro com o Papa Francisco. (ambiente)

Na verdade, os participantes são muito mais. Graças às transmissões ao vivo e do streaming via internet com 4 traduções, as imagens chegam ao mundo inteiro. (ambiente)

Stefania: Que emoção vocês sentiram quando Francisco pousou em Loppiano?

Jesús Morán, Copresidente do Movimento dos Focolares: Bem, a emoção foi muito grande. [...] Parecia inacreditável pensar que ele estava descendo naquele campo onde eu muitas vezes joguei futebol. Ao mesmo tempo, a alegria e a serenidade eram imensas.

Emmaus: Naquele momento senti isso: Loppiano acolhe o Papa. Loppiano, para mim, significava também toda a Obra de Maria, todo o Movimento dos Focolares que acolhe o Papa. Porém, no momento em que o Papa colocou os pés naquele campo e eu o vi descer do helicóptero, pensei: o Papa nos acolhe. [...] Ele acolhia todos nós no seu coração e nos fazia entrar naquele universo que é a humanidade inteira, que ele é chamado a conduzir para a unidade, na Igreja. [...] Por isso, desapareceu todo medo, toda preocupação. Fui eu que me senti acolhida pelo coração do Papa, eu e, comigo, a Obra inteira. (canção)

Speaker: Estão presentes cristãos de várias Igrejas, fiéis de diversas religiões, pessoas de convicções não religiosas; além de um grande número de pessoas do território circunstante.

Uma variedade que reflete a própria identidade de Loppiano, um pedaço de mundo unido. (canção)

Estão presentes personalidades civis e eclesíásticas, entre as quais, dom Luciano Giovannetti, que foi bispo da diocese de Fiesole durante mais de 40 anos, em cujo território se encontra Loppiano, e o atual bispo, dom Mario Meini. Presente também a prefeita de Figline e Incisa Valdarno, Giulia Mugnai.

(ambiente)

Antes de se encontrar com todos, o Papa entra no santuário Maria Theotokos para um momento de oração. (silêncio)

Depõe as flores diante de um original quadro de Nossa Senhora com o Menino, de traços asiáticos, presente de um artista hindu a Chiara Lubich. (música)

*Emmaus: Santidade, caríssimo Papa Francisco [...]. Obrigada santidade em nome de todo... (aplausos) de todo o Movimento dos Focolares, que vê nesta sua visita um olhar de amor de Deus. [...]*

*Speaker: A partir da intuição de Chiara Lubich de pequenas cidades, esboços de um mundo unido, Maria Voce descreve em linhas gerais as características de Loppiano, a variedade dos seus 850 habitantes provenientes de 65 países, os locais de trabalho, os de estudo.*

*Emmaus: [...] O nosso desejo é que quem visita esta cidade encontre uma casa, uma família, uma mãe: é Maria! [...]*

*Gostaríamos de deixá-la reinar nesta cidade que, não por acaso, traz o nome de “Mariápolis”, cidade de Maria. É ela que, no Magnificat, nos indica um programa de vida e de ação, e nos impele todos os dias a escancarar as portas do coração e da cidade a todos os que sofrem, que, em vão, procuram a felicidade trilhando os caminhos da violência ou da riqueza.*

*Santo Padre, temos uma meta alta, queremos “mirar alto” como o senhor nos disse quatro anos atrás. Queremos poder dizer a todos: “Venham e vejam”. Fazer do amor mútuo a lei da convivência significa experimentar a alegria do Evangelho e sentir-se protagonistas de uma nova página de história. [...] (aplausos)*

*Papa Francisco: Obrigado pela acolhida de vocês! Saúdo a todos e a cada um, e agradeço a Maria Voce pela sua introdução... clara, tudo claríssimo! (risadas) Vê-se que tem as ideias claras! (risadas) Estou muito feliz por me encontrar hoje, entre vocês, aqui em Loppiano [...]. Em Loppiano todos se sentem em casa! (aplausos)*

*Speaker: São dirigidas ao Papa algumas perguntas às quais responde com palavras ricas, desafiadoras, impregnadas de incentivo.*

*Aurelia Nembrini: Após o período da fundação vivido com Chiara, agora estamos vivendo uma fase nova. Pode ser que para alguém passou o tempo do entusiasmo; sem dúvida, é mais difícil identificar os caminhos a serem percorridos para dar encarnação à profecia do início. Como podemos viver, Santo Padre, este momento?*

*Papa Francesco: [...] Antes de tudo, obrigado, obrigado por aquilo que fizeram, (aplausos) obrigado pela fé de vocês em Jesus! É Ele que fez este milagre, e vocês [puseram] a fé. E a fé permite que Jesus aja. Por isso a fé faz milagres, porque dá o lugar a Jesus, e Ele faz milagres um depois do outro. A vida é assim! [...]*

*É espontâneo para mim repetir as palavras que a carta aos Hebreus dirige a uma comunidade cristã que vivia uma etapa do seu caminho semelhante à de vocês. Diz a Carta aos Hebreus: «Chamai à memória aqueles primeiros dias» [...]. Por favor, memória! [...]. Com esta moldura de memória se pode viver, se pode respirar, se pode ir em frente, e dar fruto. Mas se você não tem memória... Os frutos da árvore são possíveis porque a árvore tem raízes: não é uma desenraizada. Mas se você não tem memória, é um desenraizado, uma desenraizada, não haverá frutos. Memória: esta é a moldura da vida. [...]*

Stefania: Jesús, o Papa dedicou uma ampla passagem do seu discurso ao tema da memória. Chiara nos deixou uma herança importantíssima, nada menos do que a unidade da família humana. O que significa, portanto, preservar a memória do carisma, no hoje da Obra, mas também na humanidade com esta mudança de época, como o próprio Papa a definiu?

Jesús: Foi muito importante esta referência à memória porque é preciso sempre voltar ali. Para a história de um carisma, a memória significa voltar à experiência originária de Deus, e curiosamente, se produz o seguinte fato: quanto mais se volta à memória para conservá-la, tanto mais o próprio carisma se atualiza. E isto é o que está acontecendo: voltamos ao núcleo fundacional da espiritualidade da unidade, desta grande cultura da unidade, e descobrimos com uma nova luz esta paixão de Chiara pela unidade da família humana. [...]

O Papa evidenciou muitas vezes este fenômeno da guerra mundial em pedaços, como se a violência fosse capilar. Como se opor, então, a este fenômeno a não ser com uma ação igualmente capilar? Como alguém diz: uma cultura de paz em pedaços. Eu creio que, pelo menos o efeito que produziu em mim este apelo do Papa, me fez pensar que é preciso trabalhar pela família humana num nível pré-político, num nível cultural, num nível profundo, não são suficientes os esforços institucionais. E isso significa realmente atualizar este grande sonho de Chiara que sempre viu assim a família, começando por aquilo que nós devemos ser.

Papa Francisco: [...] *O carisma da unidade é um estímulo providencial... [...]*

Speaker: O Papa Francisco continua evidenciando – são palavras suas – a poderosa ajuda que o carisma da unidade oferece para viver a espiritualidade do “nós”.

Papa Francisco: [...] *Um padre que está aqui [...] me disse: “Diga-me, padre, qual é o contrário do ‘eu’? [...] Eu disse logo: ‘Tu’. E ele me disse: “Não, o contrário de todo individualismo, seja do eu, seja do tu, é ‘nós’. (aplausos) O oposto é nós”. É esta espiritualidade do nós, aquela que vocês devem levar em frente, que nos salva de todo egoísmo e todo interesse egoísta. A espiritualidade do nós. Não é um fato só espiritual, mas uma realidade concreta com consequências formidáveis – se o vivemos e se declinamos com autenticidade e coragem as suas diferentes dimensões – em nível social, cultural, político, econômico... Jesus redimiu não só o indivíduo singularmente, mas também a relação social. [...]*

Speaker: Com a sua resposta sobre a missão de Loppiano, o Papa convida todos a mudar de perspectiva.

Papa Francisco: [...] *A história de Loppiano não está senão nos albores. Vocês estão no início (aplausos). É uma pequena semente lançada nos sulcos da história e que já brotou viçosa, mas que deve pôr raízes robustas e dar frutos substanciosos, a serviço da missão de anúncio e encarnação do Evangelho de Jesus que a Igreja hoje é chamada a viver. E isto requer humildade, abertura, sinergia, capacidade de risco. (aplausos) [...] O desafio é aquele da fidelidade criativa: ser fiéis à inspiração original e, ao mesmo tempo, ser abertos ao sopro do Espírito Santo e empreender com coragem os novos caminhos que Ele sugere. [...]*

Stefania: "A história de Loppiano está nos albores" disse o Papa Francisco, e acrescentou: "Vocês estão no início". E você, nas muitas entrevistas que concedeu naquele dia, falou de um "antes" e um "depois" para o Movimento em relação à visita do Papa a Loppiano. Se há um "antes" e um "depois", e se estamos só no início, então, por onde vamos começar,

Emmaus?

Emmaus: Agora estamos no "depois" e eu diria que devemos começar refletindo sobre aquilo que o Papa nos disse, nos deu, para atuá-lo, não tanto para recordar, não tanto para ficar pensando naquele momento e nos alegrarmos com o fato de que estivemos com o Papa, que foi, sem dúvida, um evento extraordinário, maravilhoso; mas, nos dizendo que estamos no início o Papa nos colocou diante da história, nos colocou diante do futuro, não quer que paremos ali, e se estamos no início é preciso ir para frente. E o que significa? Significa procurar atualizar o que ele nos disse, ou seja, sermos capazes de injetar na sociedade – portanto não tanto apenas no nosso Movimento, mas na sociedade que nos circunda – aquelas sementes de Evangelho que podem transformá-la. [...]

Portanto, devemos começar a olhar à nossa volta e dizer: "Onde é que eu posso injetar uma centelha daquela semente evangélica que eu recebi gratuitamente?" e fazê-lo. E isso em todos os níveis, por toda parte, através do amor mútuo vivido entre nós e para com todos.

Papa Francisco: [...] *Quero lhes dizer uma última coisa. Estamos aqui reunidos diante do Santuário de Maria Theotókos. Estamos sob o olhar de Maria. [...] E não se esqueçam que Maria era leiga, era uma leiga. (aplausos) A primeira discípula de Jesus, sua mãe, era leiga. Há uma grande inspiração aqui. E um belo exercício que podemos fazer, eu lhes desafio a fazê-lo, é pegar [no Evangelho] os episódios da vida de Jesus mais conflituosos e ver – como em Caná, por exemplo – como Maria reage. Maria toma a palavra e intervém. “Mas, padre, [estes episódios] não estão todos no Evangelho...”. Use a imaginação, a Mãe estava lá, diz o Evangelho, e viu isto... Como teria reagido Maria diante disto? Esta é uma verdadeira escola para ir em frente. Porque ela é a mulher da fidelidade, a mulher da criatividade, a mulher da coragem, da parresia, a mulher da paciência, a mulher que suporta as coisas. Olhem sempre isto, esta leiga, primeira discípula de Jesus, como reagiu em todos os episódios conflituosos da vida do seu filho. Ajudará muito vocês. [...]*

Stefania: Francisco fez uma importante alusão a Maria e a Maria na sua dimensão leiga. Emmaus, o que isso significa para você e para todo o Movimento?

Emmaus: Entretanto, foi uma grandíssima emoção, também porque, naquele momento, ele deixou de lado os papéis, não estava escrito no seu discurso esta alusão a Maria.

Pareceu-me muito sintomático. Antes de começar o seu discurso ele tinha feito um ato de devoção a Maria, como sempre faz. Tinha colocado flores diante da imagem de Maria, mas, saindo, eu creio que ele viu Maria presente naquela multidão que tinha diante de si. Portanto, sentiu-se como que interpelado a se referir novamente a Maria, ou seja, Maria estava ali, Maria estava no povo, estava naquele povo que era Igreja. [...] Naquele povo que era tão variado, porque estavam presentes as famílias, os jovens, as crianças, os sacerdotes, pessoas de outras religiões, pessoas de outras Igrejas. [...] E, vendo esta presença – eu ousou pensar assim – ele também pensou em nos dizer quem éramos. E naquele momento, nos dizendo quem éramos, nos fez ser aquilo que ele dizia, ou seja, esta Maria que tem aquelas qualidades que ele mencionou no seu discurso: a franqueza, a paciência, a coragem, a suportaçãõ. Depois ele lembrou aqueles momentos conflituosos, ou seja, aqueles momentos do Evangelho – eu pelo menos os interpretaria assim – nos quais Jesus muitas vezes não se sentiu compreendido pelos seus apóstolos, ou quando a multidão queria jogá-lo do alto do precipício, ou quando se encontrou diante dos vendedores no Templo; aqueles momentos em que Ele assumiu uma posição. E Maria, o que fazia naquele momento? Como ela vivia aqueles momentos de Jesus?

Aí está, (o Papa) nos disse: "Imaginem, tentem imaginar". [...] Tentar imaginar o que Maria faria diante destas situações conflituosas de Jesus na humanidade de hoje, e tentar assumir aquela parte que cabe a nós, aquela parte de Maria, que é a parte da mãe que consola, que entende, que muda completamente as situações, que consegue, todavia, encontrar uma solução para o bem dos seus filhos.

Creio que é isso que o Papa viu e quis nos lançar para viver.

*(canção e ambiente – saudações e presentes ao Papa)*

Stefania: Num certo momento vimos o Papa Francisco assinar o Pacto, quase em surdina, mas é um gesto que tem um valor fundacional para todas as Mariápolis, e fundamental nos relacionamentos entre todos nós do Movimento dos Focolares. Qual é o seu valor universal? É uma mera assinatura?

Jesús: Não, não é uma mera assinatura. De fato, por falta de tempo, não pudemos dar àquele momento a visibilidade que desejaríamos, mas não queríamos nem mesmo perdê-lo, por isso, da mesma forma, o fizemos, mas quase ninguém percebeu. Foi isso que me impeliu a pegar o papel e mostrá-lo a todos. O Papa estava assinando o Pacto do amor recíproco, como fazem todos os cidadãos de Loppiano, colocou a sua assinatura, isto é, o seu compromisso. Naquele momento o Pacto adquiriu uma dimensão Igreja que não possuía antes. [...] E para nós, o Pacto é a base de tudo o que fazemos. Eu falei antes da família humana: primeiro devemos nós ser família; sobre qual fundamento? O fundamento é o Pacto.

*(canção e ambiente – saudações e partida do Papa)*

Stefania: Jesús, tivemos a impressão de que o Papa estava mesmo à vontade [...]. Foi assim?

Jesús: Exatamente assim, desde o início. Porque eu o cumprimentei em espanhol: "Bienvenido Santo Padre", e ele me disse: "Como andás?" em espanhol de Buenos Aires! "Como andás?" é o modo com que alguém coloca você logo à vontade. Mas depois nós vimos aquela alegria que ele exprimia. E, no final, nos sentimos muito livres para lhe dizer: "Talvez nós o cansamos?". "Eu? Eu me diverti", disse. E depois nos fez algumas confidências, mas são confidências!

*(canção e ambiente – partida de helicóptero)*

*(legenda: Filmagens aos cuidados de Vatican Media e do CSC Audiovisuais)*

## **07) Conclusão:**

Hugo: Obrigado por esta hora que passamos juntos!

Roberta: Vamos nos rever em Manila! Lembro que o Especial CH sobre o Genfest será domingo, 8 de julho, às 20 h italiana, o mesmo horário do Collegamento de hoje.

Roberta e Hugo: MABUHAI! Até breve a todos!